

OUTONECER

JÚLIO MACHADO VAZ

OUTONECER

CONTRAPONTO.

Talvez escrevendo...

Barcelona

Luz e sol e pintura

Sobre o telhado à noite a lua cresce

Abro os olhos como um barco pelas ruas

No entanto outonece

Em que pensava Sophia quando escreveu estas linhas, na cidade que há muito deixei de considerar estrangeira? Uma mulher agradece luz, sol e pintura, o espreitar da lua sobre o telhado quando o dia adormece, amanhã será outro. O olhar dela, a cujo navegar tanto devemos, voa do porto e espraia-se pelas ruas, em busca de versos que a esperam e pelos quais passámos numa cegueira de gente normal. (Ah!, este adjectivo, que assegura vitória estatística e estrondosa derrota na busca do silêncio para lá das palavras – pacificado; definitivo; inteiro.)

No entanto... Ou seja: apesar de tudo o resto. A Barcelona caleidoscópica e a navegação preña de Sophia não evitam a reticência, o aviso, o agoiro – outonece. O mundo? Barcelona? Sophia, que por pudor ou melancolia evita a primeira pessoa do singular? Não sei, mas o poema sentou-se a meu lado.

Adopto os dois primeiros versos sem receio de perjúrio, o terceiro faz-me sorrir. Não preciso que mo digam, sou incapaz

de navegar as ruas, limito-me a andar sem as ver; (per)corro-as. Aos «no entanto» estou habituado, é raro que não matize uma afirmação com dúvida imediata, mais do que para os outros, para mim; realidade e sonho habitam-me sempre com o fantasma do seu avesso. É cansativo, amiúde paralisante.

Fujo e desaguo no verbo. Em termos de calendário é simples – pese embora o caos climático, o Outono ainda sobrevive, e, contudo, as estações bem definidas da minha infância não passam de recordações. (Segunda quinzena de Agosto marés vivas, primeira de Setembro e as ondas em retirada, a bola e nós corríamos pela areia molhada, nessa Aguda que minha Avó declarava a transbordar de iodo.) Mas de que Outono se fala? Do de Barcelona? Visitei-o tantas vezes que cavalgo os disputados bancos que anunciam a Rambla por direito próprio, se alguém duvidar rapo do cartão de cidadão com sobranceira tristeza, «Está a ver? Onde já vão os sessenta e cinco, eu e o livro levantar-nos-emos quando nos der na real gana, *nos quedamos, coño*».

Ninguém o faz, a idade nota-se. Qual? A das articulações crepitantes ou a de neurónios que, teimosos, arrastam os pés e viram costas à ampulheta do tempo, usando-me como álibi, «Se o tipo detesta areia porque a respeitaríamos nós?». Ocupo, desafiante, o banco, mas olho em volta e não me reconheço neles, os velhos, alguns bem mais jovens na aparência, outros na agilidade, não poucos na rapidez com que trucidam o *sudoku* e as palavras cruzadas.

Pois que seja então Outono em Barcelona. Recuso casar o verbo outonecer e Sophia, as suas palavras são feitas de luz mediterrânica e nojo por injustiça e mediocridade, quem assim se bateu será lembrada, primavera, na Granja da sua meninice. (E da minha adolescência intimidada, as miúdas eram apetecíveis, mas demasiado finas. Bom, todas eram demasiado qualquer coisa para mim naquele tempo!)

Serei eu a outonecer? Por uma questão ética – não viverei já em pleno Inverno? – procurei verbo mais carregado. Mas invernecer

não existe e invernar é mais para os ursos, embora eu tenha feito dessas figuras ao longo da vida. Das ofertas do dicionário só retive entorpecimento. Aceito. Junto-lhe inseguro e melancólico, um perfil vai surgindo, como os rápidos esboços dos artistas de bolsos vazios, Rambla abaixo. Eu pasmo, chumbei sempre a desenho, o vaso na secretária do professor, aos meus olhos, assumia requêbros picassianos tão abstractos que o professor se condoía, «Ó Júlio, é mesmo isso que vês?», e dava-me um nove para não agredir a média.

Entorpecido, aceito.

«Envelhecer é ver morrer», escreveu Juan Luis Panero. Amigos, cães, sonhos. Durante anos acariciei o medo da morte, hoje tremo ao imaginar o caminho até lá chegar – *O que eu andei...*, escreveu e cantou o Zé Mário –; não existir será apenas um regresso. Sempre sorri ao ler frases de circunstância, tecidas à volta de perdas irreparáveis, vazios impossíveis de preencher. Dispenso tais fogos fátuos, só ambiciono surgir, aqui e ali, nas histórias partilhadas pela tribo à volta da mesa de Cantelães.

Não vale a pena mentir-me – outoneço em sobressalto. Não é agradável, mas não conheço outra forma de atrasar esse entorpecimento que me namora e desafia para o sofá, comando em punho, canais percorridos mas não vistos; embrutecido. A frase de Neil Young, que me gelou há décadas, dança pela sala – a ferrugem nunca dorme. Sei que se aproxima, passo a passo; sei que não há fuga possível; sei que um dia me tomará nos braços para um volteio sem regresso.

Morrer a caminho da morte. Um muro que surge do nada. Sem aviso ou hora marcada. Democrático, trava-me o passo rumo a todos os destinos, do mais prosaico ao menos expectável. Talvez destino não seja o termo adequado – masculino e singular... –, busquemos-lhe o avesso: é de palavras que falo.

O muro que mas nega pode erguer-se na clandestinidade do pensamento ou nas entrelinhas de uma conversa. A segunda hipótese é mais humilhante, dou comigo a pedir ajuda a quem já

imagino espantado – «Como pode ter uma branca destas?» – ou a refugiar-me num sinónimo rasca. Pessoa, utensílio ou lugar cabem num «coiso» apressado; mudo o tema em discussão; acelerero o débito verbal; antecipo a despedida.

Tudo para fugir à realidade que o Outro presenciou; lembrará; julgará; espalhará aos quatro ventos e a dezenas de ouvidos. Ou talvez não, por que raio decreto falecidos o pudor, a delicadeza, a própria amizade? De qualquer modo o episódio permanecerá no meu ruminar, tornado falante sem as preocupações morais de grilo célebre, empurrando-me sem piedade para um verbo sombrio – esquecer.

(Sombrio e multifacetado. Quando digo que sou esquecido, falo de quê? Da recusa de factos, gentes e situações virem à superfície da minha consciência? Neste contexto, sim. Noutro... Ser esquecido por alguém que não conseguimos esquecer, por exemplo. As mesmas palavras; duas pessoas; uma seguiu em frente; outra guarda-lhe a sombra; a *love that should have lasted years*.)

Tempos houve de esquecimentos pacíficos. Tinha uma visão espacial da memória, uma vez atafalhada de acontecimentos, actuais e passados, cederia; afinal não nos podemos sentar em cima dela como de malas que protestam no fim das férias – «Não dá, homem, quem te mandou entrar na livraria se sabes que és incapaz de sair de mãos vazias e bolsos cheios? Para não falar da roupa suja, em busca de maior espaço vital pela tua falta de jeito. Não dá, homem, não dá».

A essa concepção de águas furtadas, deferentes mas com lotação máxima, a minha profissão veio juntar outros mecanismos apaziguadores. As recordações não fazem fila, disciplinadas, perante uma memória mecânica e isenta; robótica. Nem por sombras! O que passou não decora paredes a solo, vive rodeado de molduras afectivas, capazes de o modificar como à plasticina da nossa infância. Duas pessoas podem descrever a mesma cena de

modos diversos e, no entanto, ambas falam verdade; a sua verdade. Iluminada pelos holofotes de trajectos de vida, tragam o detector de mentiras e ambas passarão, garbosas, a prova, sem qualquer treino da CIA ou do KGB.

Quando falo de afecto, refiro-me à sua intensidade e simbolismo, certas recordações não precisarão de ferrete para nos acompanhar até ao fim, ternas ou sádicas. Milhões de momentos não despertam esse tipo de reacção, é verdade que alguns de nós são capazes de os debitar como se da lista telefónica se tratasse, mas quem pode estranhar que a outros, como o povo diz, tenham entrado por um ouvido e saído pelo outro?

E depois há a noite mal dormida, o stresse, o *burnout* ou a exaustão que não fala inglês, o frenesim em que vivemos, a falta de vitamina D que está na moda, o álcool que já nem consumido com moderação escapa ao sobrolho franzido de uma medicina totalitária, etc., etc. Mais o défice cognitivo, maior ou menor, próprio do avançar da idade. Para a qual estamos óptimos!, diz o nosso médico, sem se aperceber que o «óptimos» voa pela janela e a «idade» se refastela na cadeira ao lado com um sorriso trocista na face, «És meu».

Muitos de nós nem conhecem a expressão, o défice cognitivo dá lugar a um «ando mais esquecido» de braço dado com menos horas de sono e articulações mais reivindicativas, tudo fazendo parte do processo deficitário em curso, encolhemos os ombros e escondemos o vernáculo sob o manto de (mais) uma sigla – é a PDI!

Na casa dos meus Avós paternos, o Alzheimer também pairava. Ali na Rua Alves da Veiga, perto dos Dominicanos e da Casa de Santa Zita, fonte inesgotável de serviços que, com vontade ou sem ela, tinham abandonado o que os políticos apelidam de país profundo. Fazem-no evitando o «desertificado» para completar a frase quando estão no poder, ou brandindo-o, voluptuosos, se na oposição.

(Os políticos... O panorama não é animador. O Governo cozinhou uma proposta «irrecusável» para assegurar o beneplácito do PS, cujas linhas vermelhas, talvez por aproximação às cores do partido, aqui e ali se vão tornando róseas. Desbotam...

O Chega diz tudo e o seu contrário, mas é difícil não descortinar um certo receio de eleições depois dos resultados das europeias; vai daí tira da algibeira o interesse nacional. Enquanto isso, o Presidente da República, que derramou sobre os portugueses, dia após dia, *innuendos*, avisos, pedidos e esclarecimentos, fala uma vez mais... para anunciar que não vai falar.

Este declínio no discurso e prática políticos está longe de se acantonar em Portugal. Basta lembrar o comportamento de Macron após as eleições francesas – o país em pausa durante os Jogos Olímpicos e depois o total desrespeito pela vitória da Esquerda. Faltam ao país e à velha Europa políticos de outra dimensão, apoiássemos ou não as suas propostas. Se nos transformarmos em habitantes de um destino turístico e descendentes – longínquos! – dos Clássicos, é duvidoso que tenhamos direito a culpar Destino ou Sorte, em Democracia suportamos os líderes que merecemos.)

Ali, na casa de meus Avós, de vez em quando falava-se de amigas e conhecidas dos Machado Vaz ou aos Machado Vaz contadas, de idade avançada e confusão mental também. Eram quase sempre mulheres, se vivem mais têm de pagar o preço e justificar um rótulo – estavam taralhucas. Convenhamos que a palavra era bem escolhida, logo à partida tresandando a problema mental, mais acutilante seria taraloucas, mas a etimologia merece respeito. E a sonoridade, ah a sonoridade!, faz pensar em cabeças que choalham e abanamos em busca de uma lucidez que se ausentou para parte incerta. Certo, certo é que não regressará.

E o ouvido é júri atento e certo, palavra prima direita o prova, quantos estrangeiros virgens do dialecto portuense vi esboçarem um movimento de recuo perante um sonoro «Badalhoco!».

Não sabem o que o termo significa, mas suspeitam-no avesso a lençóis ou consciências lavados, esboçam um movimento de surpresa quando lhes explicamos que pode ser dito com carinho. O mirandês pode ser difícil, mas o tripeiro, por uma estranha alquimia, não descobrindo o ouro conseguiu transformar em interjeições palavras ofensivas da honra de quem as ouve e da boa educação de quem as profere. Também por isso o Porto é uma «naçom», carago!

Mas, em pano de fundo, um nome começou a aparecer no discurso das pessoas. E imagino que do Hades ou do Paraíso alguém tenha resmungado «Já não era sem tempo, avisei-os no início do século xx». Alzheimer, se chamava o injustiçado. Descreveu a doença, mas não lhe assistiu ao retumbante sucesso, ajudado pelo aumento da longevidade – bomba-relógio que pede meças às alterações climáticas –: quem se pode hoje gabar de não ter um caso na família? As outras demências vivem à sombra de irmã mais velha, recebem tão pouca luz que, na verdade, só existem na boca dos especialistas.

O medo é monogâmico e enfiou o anel no dedo do Alzheimer. Não há divórcio possível, pelo contrário!, o abraço é cada vez mais apertado, inexorável, a marcha do comboio pode ser lenta, mas paragens em apeadeiros de esperança tímida são curtas. Quanto à estação de chegada, as pessoas dividem-se: umas aceitando a morte clássica, que antigamente proibia o embaciar do espelho, outras agarram-se à lucidez e recusam-se a cumprimentar os que amam como estranhos, murmuram «Já não serei eu, é uma questão de dignidade». E aspiram a morrer ainda inteiros.

Os sintomas são vários, mas a perda de memória ofusca os outros. Esquecimentos normais? Para muitos foi chão que deu uvas. Eu, por exemplo, bebo vinho engarrafado em casa. Com dois pais demenciados não é tanto a genética a assustar-me, mas o que presenciei.

A insegurança traz problemas acrescidos. Não falo de inseguranças existenciais, afinal acompanharam-me toda a vida, como a tanta gente. Nem preciso de recuar à timidez adolescente, que

transformava em júri ameaçador a fila das cadeiras ocupadas pelas raparigas nos bailes de garagem. Basta-me recordar a primeira aula teórica e a palmada nas costas do meu querido professor Amândio Tavares, «Vai ver, não custa nada». Eu acreditava que fosse grátis em termos financeiros, mas a taquicardia e a falta de ar não têm preço, quem as sentiu sabe que falo verdade. E por isso naveguei para o anfiteatro com duas cervejas ao leme e nunca me arrependi, mais valia prevenir bebendo do que remediar... bebendo.

Com frequência a insegurança caminha a par da indecisão, damos voltas e voltas à rotunda sem escolhermos qualquer saída, decidimos não decidir, é uma decisão como outra qualquer. O tempo, a sorte ou os outros se encarregarão de nos indicar o percurso, o que acarreta a vantagem de termos algo ou alguém a quem culpar quando barco e vida encalham.

Falo de outra insegurança. Menos superficial e ligada a acontecimentos exteriores; funda; rumorejante. Pronta a espreguiçar-se em todas as direcções e com uma tonalidade já paranóide, que adivinha barreiras, inimigos e, o mais das vezes!, falhas próprias. No meu caso, rói uma das minhas paixões – a associação livre.

De acordo, a profissão permite-me surfar a dos outros, na esperança de ir encaixando mais peças aos *puzzles* que me trazem. Falo da minha. À qual sempre dei rédea solta no ensino, de tal forma que um antigo aluno, hoje meu médico, dizia, bem-humorado – «Lembro-me de aulas em que o professor não passava do primeiro *slide*». Pode muito bem ter acontecido, a matéria era ponto de partida e de chegada, mas por que decreto divino ou do Conselho Científico era obrigado a seguir a linha recta; a auto-estrada; os carris?

Quase poderia dizer que me presenteava caminhando com as palavras pelo *wild side*, o velho Reed nunca se queixou. Fazia-o porque a todo o momento sabia poder retomar a narrativa, deixada há minutos largos, larga era a banda da minha memória, «Como ia dizendo...», e caminhava em terra firme.

Isso acabou, como diz o Manel, *c'est fini*. O medo de me perder na floresta das associações livres e não reencontrar a estrada principal, a fantasia de ter de perguntar a alunos ou simples parceiros de conversa «Mas isto vinha a propósito de...» e ser salvo pela memória dos outros, tudo me fez perder espontaneidade no discurso, organizar palavras antes de as debitar, verificar mentalmente nomes que citarei com receio de os ter esquecido; caminhar passo a passo, recusando a boleia do vento.

É massacrante.

Os leitores reconstroem o que lêem. E apercebem-se de frases que encerram o núcleo duro da narrativa. Quando comecei a escrever *Muros* só tinha o final claro – «Talvez inevitável desistir do amor, mas seguramente obsceno». O título partiu de vida vivida, na vilazinha galega perdi uma batalha contra os meus fantasmas abandonícos e, revisitando as trincheiras, compreendi que escrevera sobre muros que separam as pessoas, aceitando trocas de olhares, abraços sedentos e até o amor, mas proibindo que se transformem num futuro comum.

Muitos leitores me falaram disso, contaram estórias de feridas por sarar – «Acho que tomámos a decisão certa, mas... E se nos enganámos?». E eu – sempre inseguro! – escrevi-a, mas não como certidão de óbito, ofereci-lhe um «talvez»; se no livro deixei um irmão numa espera inútil, presenteei outro com uma felicidade quase infantil. No fim, citei os Beatles no registo da esperança e Sandy Denny no da perda, qual Pessoa anémico criei um heterónimo para um *petit final* de duas palavras – «se calhar». Os leitores não se deixaram enganar, o livro acabara antes, aquele «obsceno» resumia tudo.

Com as crónicas acontece algo de semelhante, uma delas cala mais fundo do que as outras. Em *Estes Difíceis Amores*, determinado texto deixou a concorrência a perder de vista, chamei-lhe «Um Crepúsculo no Regaço». Sem surpresa, sobretudo entre os leitores mais velhos, afinal trata-se do relato de uma mulher que vê o seu homem afundar-se no Alzheimer e respeita o pedido de

avisar um amigo que o ajuda a partir como desejava. A fronteira escolhida? Deixar de a reconhecer.

Não tenciono dissertar sobre a eutanásia, ao longo dos anos deixei a minha posição bem clara, não quero sobreviver a mim mesmo, ponto final. Falo do texto porque nele se referem a consciência do próprio do início dos sintomas, diagnósticos alternativos, busca frenética no doutor Google. Ou seja: o acompanhar de um défice cognitivo sem regresso. A narradora tem o crepúsculo do seu homem no regaço, vê, sofre e decide como espectadora dilacerada.

(Não disserto sobre a eutanásia, mas aceito dois dedos de conversa sobre o tema a pretexto de um filme. Sinal preocupante, já nem me lembrava de ir ao cinema! Mas o Tiago Alves é um amigo de longa data, conseguiu sacudir esta modorra, «Vens comigo a Ovar?». Claro que fui, tive a grata surpresa de lá estarem o Miguel Soares, o Jorge Carvalho de Sousa e a Bé, com amigos por perto os quilómetros encolhem e os ponteiros do relógio andam mais devagar. [Foi à noite...])

O Tiago arranjou forma de me proporcionar o visionamento prévio do último filme de Almodóvar. Recebido com enorme gentileza nos cinemas do Arrábida, mergulhei na enorme sala, balbuciei um – «Sou só eu, peço desculpa pelo incómodo». Talvez enfadada, a sala remeteu-se ao mais absoluto negrume. As luzes de presença não tinham sido projectadas para glaucoma, ficar na primeira fila arrasta sempre o fantasma de um torcicolo, preparei-me para subir uns degraus a passo de tartaruga e mão esquerda saltando de cadeira em cadeira.

A triste consciência da minha burrice: o telemóvel abriga talentos vários, entre os quais um foco de luz. E luz foi feita! Repimpado na fila seis ou sete, recordei quem na juventude nos conduzia aos lugares, seguíamos o rasto das lanternas, «Com licença, com licença», no ecrã pelas vermelhas e caras pálidas – os imigrantes da altura eram os bons da fita... – entusiasmavam a plateia.

Já lera as declarações de Almodóvar sobre o filme, a incompreensão perante o apagar da vida e a defesa do direito de evitar determinados tipos de morte... morrendo mais cedo, mantendo o controlo da situação. Pelo meio a crítica ao encarniçamento terapêutico e o sublinhar de uma velha pecha humana – só em situações-limite nos lembramos de quanta proximidade afectiva desperdiçámos. Seria cruel atardar-me sobre o argumento, mas dois aspectos fizeram-me sorrir: tudo se passa no seio de uma elite intelectual e a morte propicia um *happy end* feito de uma pacificação de vivos e mortos. É um bom ponto de partida para a discussão da eutanásia e não só? Seguramente. Mas do fundo da minha ignorância cinematográfica, e apesar do respeito que tenho pela opinião do João Lopes, não decretaria o filme o melhor de Almodóvar; esse estatuto reservo-o para *Fala com Ela* – e sim, gostos não se discutem.)

Quando a dúvida nos invade, tanto o crepúsculo como o regaço são os nossos; é difícil. Ainda por cima, quando se torna obsessiva, a busca distrai-nos da realidade exterior, facilitando os mal-entendidos, o ouvir sem escutar, *bref*, torna mais prováveis conclusões que não se justificam. Acusamos a memória de crimes que não cometeu, afinal só podemos recordar o que ficou registado, torturamo-nos em busca de um tesouro que nunca chegou a habitar as redes neuronais por culpa nossa, distraídos não lhe oferecemos alojamento local.

Receoso de perder memórias, obstino-me em construir outras. Se não para mim, para o futuro, o meu conceito de eternidade não ultrapassa, já o disse, a presença nas recordações da tribo, o gozo do presente transforma-se em investimento egoísta nas acções das suas memórias.

E por isso aterrei em Liverpool com o João. A ideia foi dele, mas o atraso no cumprimento de promessa feita há décadas, transformou-lhe o estatuto – de alegre filho, sedento de tudo o que o rodeava pela mão do pai, passou ao equilíbrio difícil entre o gozo da descoberta e a atenção de cuidador informal. Sim, porque embora partilhasse a minha religião «beatliana», da qual se tornou o Sumo Sacerdote da família, e, por isso, encetasse meticulosa peregrinação, também velou pelo bem-estar do seu velho; do subir e descer de escadas à orientação espacial, numa clandestinidade enternecedora, que fingi ignorar.

Guilherme não foi, partilha comigo outra paixão – o Benfica. João é portista não praticante, a sua opinião sobre o mundo futebolístico está longe de ser positiva. Desconfio que preferiu o azul para se autonomizar do pai e do irmão mais velho, mas as desconfianças dos psiquiatras, de tão caiadas de deformação profissional, são... de desconfiar. Pouco importa, entre os Machado Vaz reina a democracia, incluindo a intergeracional, não é raro suportar graçolas dos meus netos sobre desastres benfiquistas. Gostaria de ter ambos os meus filhos comigo? Claro! Mas não duvido que teria mais probabilidades de sucesso se desafiasse o Guilherme para visita aos «lugares santos» de Kurt Cobain, o seu John Lennon.

Os nossos filhos são diferentes entre si e o facto acarreta consequência lógica, mas que assusta muito boa gente – em momentos diversos é mais fácil estar com uns do que com outros. Na prática clínica, o aflorar da questão é um gatilho quase infalível para resposta de escândalo assustado – «Ó senhor doutor, eu gosto dos meus filhos por igual». E quem disse o contrário? Acontece que as idiossincrasias de cada um moldam estilos próprios de relação, neste caso com os pais. E assim, num determinado dia ou período da vida, de acordo com o estado de espírito e conhecendo o estilo de comunicação dos interlocutores, sentir-nos-emos mais confortáveis com este ou aquele, sem mancha de «discriminação amorosa».

O silêncio cúmplice é vulgar e tranquilo entre nós. Mas o meu, à chegada, era de cenho acusador – achei o aeroporto enfezado, o nome de Lennon merecia outro respeito, mas é evidente que Manchester domina a região. O autocarro. E de repente a viagem no tempo – o cheiro a relva cortada atravessou as rugas e ressuscitou o adolescente de dezasseis anos que descobria a loira Albion ao som de «Rain» dos Beatles, embasbacado com a declaração escrita na parede do metropolitano – *Clapton is God*.

Nesses poucos dias, João cuidou-me discretamente. Ofereceu-se para me levar o saco e scandalizou-se com o peso, «Devias

comprar uma mochila, a carga fica distribuída pelos dois ombros». (É verdade, regressado a Portugal aceitei o conselho.) Manteve-se a meu lado quando descemos escadas, não estugou o passo, acolheu com urbanidade os meus caprichos na escolha de restaurantes, dir-se-ia que a sugestão partira dele.

O irmão fez o mesmo em França, quando juntos percorremos as rotas dos cátaros. A qualquer sinal de autopiedade da minha parte, o diagnóstico é veloz e firme – «Estás óptimo!». Poupando-me até ao melancólico «Para a tua idade...». As dúvidas sobre a parte cognitiva são descartadas de um modo quase agressivo. É compreensível. Viram o pavoroso naufrágio dos Avós, «proíbem-me» a repetição do espectáculo. Se refiro as minhas brancas enxotam-nas com as deles, a qualquer recordação por mim evocada usam o humor, «Diz o homem que está a perder a memória». Um jogo de sombras e afectos – eu finjo, eles fingem; por amor.

Deixar-me embalar no colo virtual dos meus filhos conduz a modorra enternecida, mas polvilhada de armadilhas. Chegado a um cruzamento, virei à esquerda. João, suavemente, «É por aqui, Pai». O meu sentido de orientação foi sempre catastrófico e devo confessar que caminho olhando mais para dentro do que à volta, percorro veredas – e rugas... – interiores, o acto mecânico de andar parece facilitar outro, bem mais exigente – pensar.

De acordo, ambos os factores devem ser levados em conta, mas... dei comigo a ensaiar, à socapa, o próximo cruzamento, «Em que direcção é o hotel?». Planos para trabalhos de casa – «Logo digo que vou esticar as pernas e vejo como me safo sozinho». E assim me perdia na cabeça, com receio que o mesmo acontecesse pelas ruas da cidade.

O guia foi escolhido pelo João e ultrapassou todas as expectativas. A simpatia pessoal já seria um trunfo poderoso, mas juntava-lhe um saber enciclopédico sobre os quatro de Liverpool. Não levou muito tempo a perceber a diferença entre os dois Machado Vaz. Eu sou o fanático de ouvido granítico que cresceu com a música deles, a transporta há décadas no bolso e por uma questão

de princípio não visitou a exposição de Yoko Ono em Serralves, «Onde já se viu, invadir o estúdio onde gravavam para mim?». O psi sabe que John precisava de uma figura maternal, mas lá que pecou, pecou, mesmo se a paixão facilita esses deslizes. João é o *expert*, que lhes toca as melodias, sabe as datas de aniversários e transmitiu ao sobrinho mais novo a paixão em *jam sessions* que me oferece quando faço anos. Pedras preciosas, guardadas no «cofre» do meu computador.

E assim a peregrinação foi um estrondoso sucesso. Cruzámo-nos com os inevitáveis americanos, em bando invadiam a casa dos McCartney, o guia olhou-os com desdém e partilhou informação sádica, «A mobília não é a original e Ele (Deus me perdoe...) não vem cá, detesta visitar a casa onde morreu a Mãe». Em contrapartida, chegados a Penny Lane, exibiu uma fotografia de Sir Paul, tropeçaram um no outro e recebeu um aceno amigável que lhe encheu coração e ego. Em todos os sítios onde parámos incitou-nos a partir à descoberta, não tinha pressa, era saudado calorosamente pelos moradores, para um ouvido treinado não foi difícil perceber que as pessoas gostavam dele.

De súbito, após a inevitável foto ladeando a icónica placa, o torcionário espreguiçou-se e voltou ao activo num murmúrio doce, quase tão imperceptível para mim como para o João:

– «Penny Lane», uma das tuas favoritas, lembras-te da letra?
(Manter a calma...)

– *Penny Lane is in my ears and in my eyes / There beneath the blue suburban skies / I sit and meanwhile back.*

Sorriso de hiena:

– Começas pelo refrão? Não estarás a confundir com «Eleanor Rigby»? Vá, eu dou uma ajuda: *In Penny Lane there is a barber showing photographs...*

Esqueci-me. Relâmpagos órfãos de molduras: a rainha, uma enfermeira, um bombeiro que gostava de manter a sua máquina limpa – os críticos insinuavam uma eventual conotação erótica da imagem... – *very strange*.

Estranho para McCartney, assustador para mim, cantei estes versos milhares de vezes, quem lhes deu o direito de se dissolverem e esgueirarem para fora dos meus neurónios? Ele sabe. Ou não fosse meu filho, o bastardo!, projecto-o nas paredes do crânio como os filmes do *Cinema Paraíso* nas das casas da aldeia. (Que idade terá hoje o miúdo?; há quanto tempo nos deixou aquele extraordinário Noiret?) Ele conhece-me e por isso deu descanso ao torno, sabe que o aperto sozinho.

«Strawberry Fields». Respiro fundo. A medo – *Let me take you down / 'Cause I'm going to strawberry fields / Nothing is real / And nothing to get hung about / Strawberry fields forever.*

De novo o refrão, porra! – *Living is easy with eyes closed / Misunderstanding all you see / It's getting hard to be someone but it all works out / It doesn't matter much to me.*

Mas a mim importa, John Winston! E a ti também, vivias obcecado pela forma como serias recordado, não era? Porque esta obsessão é bem real, não me vou enforcar, mas um dia talvez opte por um método menos espaventoso de iludir o naufrágio da lucidez.

Desaguámos no cemitério da igreja de São Pedro, orlado pela estrada em que McCartney viu pela primeira vez Lennon. Uma campa. Eleanor Rigby. E o guia explicou a mentira piedosa de Macca – sempre negou que a canção fosse inspirada por aquele túmulo para evitar as peregrinações dos fãs com os inconvenientes que acarretam. Puxou-me por um braço e apontou para outro nome – Bob Paisley. E eu lembrei-me, «Era o treinador do Liverpool». Ele acenou que sim, num espanto satisfeito. O torcionário, esse, não tencionava deixar-me gozar tão pequena vitória, deixou cair alfinetada, «Morreu de Alzheimer».

Como se enxota uma ave de rapina com ninho e céu dentro de nós? Como se tapa ouvidos a provocações internas; silenciosas; pensadas?

De novo ao ataque:

– Fala-lhes de nomes. Não de todos, disse encarregou-se o Saramago, dos que jogam às escondidas contigo.

É verdade. Em geral são os apelidos. O nome próprio responde à chamada sem requebros desafiantes, mas rejeita qualquer responsabilidade pela ausência do nome de família, encolhe os ombros, «Eu vim, se ele falta, problema teu». E que problema! A primeira estratégia respeita a lógica e recusa a preguiça, tento recordar a palavra à força de músculo, ou melhor, de neurónio. Nada. Nada não!, uma espécie de passagem de modelos, as hipóteses percorrem a *passerelle*, muitas são atractivas – eu continuo a amar as palavras... –, nenhuma é a certa. Algumas são aparentadas, habitam a minha lista telefónica. Suponhamos que tenho um Pedro, cujo apelido busco, entre o aflito e o furioso. Em vez dele exibem-se outros, de amigos chegados a meros conhecidos, passando por alguns que trazem consigo outra frente de batalha – «Mas quem é este?». Aqui e ali o torcionário deixa-me dicas, que reconheço, mas não decifro. A sonoridade, a primeira letra, o número de sílabas.

Aos poucos percebi que quanto maior o esforço, mais tenaz o bloqueio e a angústia que dele escorre. O plano B que adoptei é filho da estória da raposa e das uvas, finjo que abandono a caça e sigo em frente, escondendo a frustração. Depois a espera. E de repente o nome surge, como se a minha retirada lhe roubasse o gozo de me atormentar, até em sonhos já me deu a honra de comparecer – atrasadíssimo... – à chamada.

Ninguém o lamenta mais do que eu – não se perfila garboso; alheio ao remorso; numa imobilidade granítica (para os tripeiros este é um adjectivo omnipresente). Longe disso! Basta que desvie o olhar neuronal e é bem possível que desapareça de novo e todo o processo volte à estaca zero. Em certos casos resigno-me a lançar mão do plano C – rapidamente associo ao nome de alguém que me é próximo e a chegada a bom porto (mais uma palavra querida aos tripeiros) da evocação de uma memória passa a depender de paragem num apeadeiro: «Como se chama, caramba? Lá me esqueci outra vez. Espera, fulano tem o mesmo nome, bingo!». Juntamos aos apelidos lugares, cenas do quotidiano, frases, quero crer que os afectos ainda não fazem parte da lista, mas...

É tão cansativo.

A tristeza pacificada é um luxo para quem já passou por uma depressão, permite mesmo tomadas de decisão há muito adiadas por implicarem riscos. Verificado o efeito, desconheço-lhe a causa. Talvez a hipótese de ficar mais triste ou angustiado seja encarada como mera variação de um estado preexistente ou uma confirmação da justeza do nosso humor. Não sei. Eu, ao abrigo da tristeza, venci o medo e marquei uma consulta de psiconeurologia.

Com a minha idade já tenho direito a algum défice cognitivo, ia preparado para ele. Para «algum...». E se a minha memória fosse mais velha do que eu? Ou empunhasse um sinal de sentido (quase) obrigatório para a doença que me roubou a Mãe? Por incrível que pareça, muitos médicos adoram não saber demasiado sobre o seu estado de saúde, «O que não sei não existe». Eu ouvi um amigo de competência incontestada e franqueza desarmante: «Se acontecer o que receia, não há cura, mas podemos retardar o declínio.» Se sempre disse ter o direito inalienável de decidir partir, também reconheço o dever de adiar esse momento; posso não ser um patriarca exemplar, mas não fujo às minhas responsabilidades.

(E, aqui entre nós – onde vi um livro com este nome? –, confesso que ainda sou capaz de saborear a vida com enorme gozo!)

Um gabinete amplo, confortável, aprovei as madeiras.

O facínora, pela mão de Francisco José:

– «Teus olhos castanhos...»

– Cala-te.

Sabia que ia passar um mau bocado, ele não acreditara que eu tivesse coragem para qualquer tipo de avaliação e estava irritado. Eu também não, a diferença é que estava assustado.

A gentileza do Miguel. Recordo-o garoto, afilhado do Eugénio, que lhe dedicou versos, como gostaria de acreditar que nos vê juntos! Enxoto memórias doces e aprecio a técnica do profissional, sabe-me em pânico e procura tranquilizar-me. Dois psis

em face um do outro é uma situação curiosa, há momentos em espelho, damos connosco a pensar «Bem dito, caramba!», avaliamos a qualidade da intervenção antes de regressar à nossa condição de queixoso.

«Vamos fazer um teste.» O pulso disparou e os neurónios desejaram sair espavoridos, refugiar-se na dúvida esperançosa, pedir desculpa a minha Mãe, «Desculpa, querida, mas nisto não quero ser parecido contigo»; o dia de sol lá fora.

Primeira tarefa e dúvida que me assaltou no exame para a carta de condução: «É demasiado fácil, terá rasteira?». Controlar a respiração; não me precipitar. Por outro lado, a demora podia jogar contra mim, o lápis seguia números e letras a um ritmo parkinsoniano. Feito. A segunda tarefa reenviou-me para o desespero do desencontro entre o meu lápis e os modelos que se lhe oferecem. Com sessenta anos de diferença dei comigo a fazer a mesma pergunta: «Posso repetir?» Como é possível ver um cubo e não conseguir desenhá-lo, caramba? As linhas pareciam emigrar em todas as direcções, respirei fundo e desenhei cada quadrado como se não tivesse irmãos gémeos ao lado. Nasceu um cubo torto, mas as linhas estavam lá todas, pelo canto do olho vigiava o Miguel e pareceu-me que desenhou um V, talvez me tivesse safado.

«Vou dizer cinco palavras...» Sabia como aquilo funcionava, perguntar-mas-ia daí a cinco ou dez minutos, entretanto desempenharia outras tarefas e elas ter-se-iam ausentado, eis-me incapaz de as repetir, sinal de memória a curto prazo em ruínas. Um pensamento asinino assaltou-me – «Vou-as repetindo mentalmente até que mas pergunte, igreja, vermelho...».

Divertidíssimo, o canalha intramuros:

– E assim vais falhar as tarefas seguintes, lembras-te do ditado? «Enquanto se capa não se assobia.»

Ele tinha razão, não sou bom em *multitasking*, dizem que as mulheres são, mas é uma armadilha para as amarrar a vários instrumentos ao mesmo tempo, enquanto os homens assistem

refastelados ao concerto. Eu não sou. Tentei enrolar as cinco palavras num pano de linho à prova de esquecimento e segui em frente.

Animais. Suspiro de alívio, era de caras. Ou não? Substituí camelo por dromedário, pronto para regressar à primeira forma, o Miguel declarou ambas as respostas aceitáveis, abençoado hipopótamo que não deixa dúvidas!

Números... Faço *sudoku* todos os dias, com um fervor contrariado, dizem que é uma boa ginástica neuronal, estragos não fará. Meu Pai dizia ser desde logo vantagem assinalável de um medicamento, o único efeito colateral com que o *sudoku* me brinda é uma enorme impaciência à medida que os minutos passam, a solução tarda e, uma vez encontrada, não deixa de me alertar para uma comparação humilhante – 60 a 70% das pessoas são mais rápidas do que eu!

(Talvez sejam todas jovens e estudantes de matemática.)

Dois, um, oito, cinco... «Que número falta?» A resposta escondia-se nos outros quatro, precisava descobrir o fio invisível – há outro livro com este nome... – que os unia, puxá-lo e teria a solução. Chicoteei neurónios cansados e mais perros por causa do medo, dois é o dobro de um, mas oito não o é de cinco, de volta à casa de partida, o monopólio era mais fácil e eu mais jovem, conheceria a palavra demência?

Recomecei. Dois vezes quatro são oito, um mais quatro cinco, se quatro fosse a chave multiplicava oito por quatro e somava quatro a cinco, à sequência faltariam dois números, trinta e dois e nove. Fazia sentido, mas ele disse o número. Não me apercebi de que estava a pensar em voz alta e murmurei: «quatro». Ele disse «Certo». De certeza? Já Brel o cantou – *Au suivant*.

As palavras, aí estavam elas. Comecei devagar, «vermelho». (Nos tempos da outra senhora teria sido mais cauteloso dizer encarnado.) O «v» embalou-me, «veludo». Nove anos de colégio de padres oposicionistas também ajudaram, «igreja». Saí, o adro vazio, sabia que se me encarniçasse seria pior, respirei fundo,

tentando esvaziar a cabeça em vez de a forçar, esperar a palavra e não persegui-la. E ela deixou de me fugir, parou, sorriu, contrariou-se para me agradar – «malmequer».

«Falta uma, Júlio.» Eu sabia, mas não sabia. O raio não cai duas vezes no mesmo sítio, as palavras esquecidas também não, talvez quatro em cinco não fosse mau de todo, já me contentava com um défice cognitivo ligeiro – «Não sei». Ao que parece a pergunta seguinte podia esperar, o Miguel deixou cair uma dica: «Parte do corpo». Diabo!, agravaria a contabilidade nova resposta errada? Pescoço no cepo – «Não sei».

«Mãos, pés, rosto.» Outra dica? Aquilo não acabava? E como funcionaria? Teria de recordar a palavra ou recordar que não recordara duas? Não perguntei, havia uma luz ao fundo do túnel, mesmo que a perseguisse ao pé-coxinho, mãos e pés não encontravam réstia de eco dentro de mim, tinha de ser rosto.

E era. Das últimas perguntas só recordo uma, desafiante: num minuto dizer o maior número de palavras que me ocorressem começadas por determinada letra. Sob a ameaça do cronómetro a ansiedade, como é óbvio, encheu-me o peito. Haveria um número aceitável de respostas? Ouviria um «Já chega» reconfortante? Para cúmulo, olhando pelo retrovisor, não posso deixar de sorrir – à medida que evocava palavras, atropelando-as na ânsia de as empilhar, dei comigo num processo de autocensura! Algumas das candidatas pavoneavam-se entre o calão e a obscenidade, razão pela qual as mantive em reserva, disposto a só as utilizar em caso de bloqueio ou súbita hipertrofia dos sessenta segundos anunciados.

Não foi necessário.

Chegados ao fim, o Miguel explicou-me as regras do jogo. Numa pontuação máxima de trinta pontos, a fronteira entre a normalidade e o défice ligeiro situava-se nos vinte e sete. Em desconfiado êxtase percebi que aterrara nos vinte e nove. O Miguel foi pragmático – se eu o desejasse, podíamos realizar mais exames, além do teste e da ressonância magnética que lhe levava, mas na sua opinião eu deveria refrear a minha ruminação e regressar daí a dois anos.

O alívio com que demandei a Avenida da Boavista só o posso comparar ao cansaço, o subdepressivo que sempre fui experimentava uma euforia exausta. Nos tempos que se seguiram a ruminação foi de férias, mas a deformação profissional manteve-se atenta. Estar acima dos vinte e sete (noves fora nada) tinha sido importante, não sei como estabelecem tais fronteiras nem me interessa. De resto, fora a atitude do Miguel a tranquilizar-me, confiava nele em absoluto, passei quase quarenta anos a explicar aos alunos a importância terapêutica da qualidade da relação de ajuda.

Mas...

Eu debatia-me com um dilema ético. Estava certo de que falhara a pergunta sobre os números, pois não chegara a responder, o Miguel avaliara um passo intermédio – e em voz alta – do meu raciocínio, não uma resposta. Em termos de resultado final, a diferença era apenas narcísica, os vinte e oito ainda me mantinham à tona, mas senti a obrigação de o confessar.

Porque somos amigos, tínhamos um jantar combinado, em registo apenas lúdico/gastronómico. Que teve lugar na Margarrida, em Leça, com a ajuda de um robalo grelhado, açorda de camarão e vinho branco à altura. Devia deixá-lo gozar a refeição em paz depois de um longo dia de trabalho, mas não resisti e abordei o assunto.

O resultado foi surpreendente. O Miguel explicou que, talvez por estar ansioso, eu ouvira mal a pergunta – ele dissera dois, um, oito, cinco, sete e pedira-me que repetisse a sequência, nada mais. E eu não ouvira o sete, alucinara a instrução dada, ligara o complicómetro e chegara a erradíssimo quatro por um trajecto digno da ficção científica. Para cúmulo, ouvira o reconfortante «certo» em vez do desconsolador «sete».

Fiquei passado.

Tal facto não impediu que o jantar fosse decretado um sucesso a repetir. No dia seguinte contei o sucedido ao João. E ele resumiu a situação, dizendo o que o Miguel seguramente pensara: «A conclusão é simples, tu não estás demente, estás mouco!»